

## FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E PROPOSIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

### CONTINUING EDUCATION FOR TEACHERS IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: CHALLENGES AND PROPOSITIONS FOR TEACHING PRACTICE

Recebido em: 19/09/2023

Reenviado em: 02/11/2023

Aceito em: 10/11/2023

Carlos Rochester Ferreira de Lima<sup>1</sup>   
Universidade Estadual do Ceará

Diana Nara da Silva Oliveira<sup>2</sup>   
Universidade Estadual do Ceará

Perpétua Socorro Lopes Sampaio<sup>3</sup>   
Universidade Estadual do Ceará

Joel Ivo de Sousa Araújo<sup>4</sup>   
Universidade Estadual do Ceará

**Resumo:** Apresentamos resultados do projeto de extensão universitária intitulado: Formação continuada de Professores da Educação de Jovens e Adultos: Desafios e Proposições para a Prática Docente desenvolvido ao longo do ano de 2020 na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/FAFIDAM/UECE. Em termos metodológicos esse trabalho é de cunho qualitativo assumindo a característica do relato de experiência, pois apresentamos os passos percorridos por esse projeto, apoiando-se em autores como Freire (1987, 1996), Nunes; Carvalho e Mendes (2014), Silveira; Oliveira e Feitosa (2020) e Oliveira; Costa e Holanda (2021). Como resultados da pesquisa identificamos que a modalidade da EJA precisa de um maior amparo no âmbito da formação inicial e continuada, nas metodologias, acessibilidade e na valorização do trabalho dos professores.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Formação continuada; desafios da prática docente; Extensão Universitária.

**Abstract:** We're presenting the results of the university extension project entitled: Continuing training of Youth and Adult Education Teachers: Challenges and Propositions for Teaching Practice developed throughout the year 2020 at the Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/ FAFIDAM/ UECE. In terms of methodology, this project is qualitative assuming the characteristic of the experience report, because we present the steps taken by this project, relying on authors such as Freire (1987, 1996), Nunes; Carvalho e Mendes (2014), Silveira; Oliveira e Feitosa (2020) and Oliveira; Costa and Holanda (2021). As a result of the research, we identified that the modality of EJA needs better support in the scope of training initial and continuing education, methodologies, accessibility, and appreciation of the work of teachers.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Continuing education; challenges of teaching practice; University Extension.

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: rochester.lima@uece.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: diana.nara@uece.br

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: perpetua.socorro@hotmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em educação e Ensino- UECE. E-mail: sousa.araujo@aluno.uece.br

## INTRODUÇÃO

A construção desse trabalho parte das reflexões tecidas no âmbito do projeto de extensão universitária desenvolvido no ano de 2020, intitulado: Formação continuada de Professores da Educação de Jovens e Adultos: Desafios e Proposições para a Prática Docente, desenvolvido em parceria com o Laboratório de Estudos da Educação do Campo-LECAMPO em formato virtual devido ao período pandêmico. O projeto surgiu a partir de inquietações em torno dos desafios da formação continuada de professores da EJA em alguns municípios do Vale do Jaguaribe no estado do Ceará. Compreendendo que a formação continuada de professores serve como gatilho para a emancipação política deles, é através dela que professores conseguem partilhar com os alunos a possibilidade de serem sujeitos formadores da própria opinião e conhecedores dos desafios vivenciados por eles. Desse modo a pesquisa desenvolvida pelo projeto de extensão teve por objetivo apresentar as impressões vivenciadas por professores da EJA no Vale do Jaguaribe, buscando demonstrar os principais desafios e aprendizados do trabalho na modalidade de ensino.

Em termos metodológicos, o projeto de extensão e a construção deste relato de experiência assumiu a natureza qualitativa, e segundo Minayo (1993, p. 21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Estruturando-se sob procedimentos e técnicas da pesquisa bibliográfica, documental e da pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica utilizamo-nos de autores como Freire (1987, 1996), trazendo reflexões sobre a importância do professor articular a realidade social de cada educando/a como uma ferramenta de aprendizado e troca de saberes, em especial na EJA vistas a construção da conscientização dos sujeitos envolvidos, utilizamos ainda Nunes; Carvalho e Mendes (2014), contextualizando a realidade da EJA no Vale do Jaguaribe a partir de uma pesquisa diagnóstica realizada durante a execução do projeto. Apoiamo-nos ainda em Silveira; Oliveira e Feitosa (2020) discutindo sobre os marcos legais e operacionais da modalidade no Brasil, bem como em Oliveira; Costa e Holanda (2021) ao discutir sobre a EJA no Vale do Jaguaribe a partir da experiência de estágio em EJA. Na pesquisa documental apoiamos-nos em

documentos como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA de 2010.

A pesquisa de campo foi realizada por meio virtual tendo em vista a pandemia da covid-19 através do google formulário, com professores dos municípios do Vale do Jaguaribe que tem proximidade com a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos sendo eles: Jaguaruana, Russas, Limoeiro do Norte, Alto Santo, Tabuleiro do Norte. De início foi construído um formulário de 30 perguntas, sendo perguntas objetivas e perguntas discursivas, logo em seguida demos início o contato com os professores por redes sociais (*WhatsApp e Facebook*), em seguida construímos a culminância das atividades na I Jornada EJA em debate: um olhar mais humano que contou a participação de professores da EJA de escolas municipais e estaduais além de pesquisadores da área de estudo.

## **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS REALIDADES NO VALE DO JAGUARIBE**

A educação de adultos- EA tem início com a chegada dos jesuítas no período colonial caracterizando-se a partir da catequização dos nativos à fé católica e a cultura europeia, posteriormente por volta de 1940 e 1950 caracterizou-se pelas campanhas de alfabetização que objetivavam diminuir os altos índices de analfabetismo no país e auxiliar no desenvolvimento econômico e social através da qualificação de mão de obra para atuação especialmente na tardia industrialização do Brasil. Na década de 1960, a Educação de adultos ganha uma nova configuração com as contribuições do educador Paulo Freire pois o analfabeto começa a ser visto não como um marginal, mas como um sujeito que historicamente foi excluído do contexto educacional e por isso está na condição de analfabeto, nesse contexto surgem diversas experiências de educação popular no país buscando alfabetizar e conscientizar as massas populares, o que para Almeida (2017, p. 38),

Dentre as principais iniciativas em torno da Educação Popular, podem-se destacar: os Centros Populares de Cultura - CPCs, o Movimento de Cultura Popular - MCP do Recife, liderado por Paulo Freire; a Campanha de Pé no Chão também se aprende a Ler e a Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR.

Passada a fase de reconfiguração da Educação de adultos abrindo espaço para se pensar esse modelo de educação não a partir do assistencialismo mas a partir da perspectiva da conscientização e emancipação dos sujeitos da EA e mesmo com as contradições educacionais

como, por exemplo, o MOBREAL<sup>5</sup> criado durante o período da ditadura militar que almejava somente alfabetizar com vistas à participação política através do voto, adentramos no período de redemocratização no país após o período ditatorial fase marcada pelos marcos legais na educação brasileira.

Nos anos 1990, o sistema de ensino brasileiro ainda não dispunha de uma proposta pedagógica concreta para a educação de adultos, porém a partir da elaboração de marcos legais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nasce a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos-EJA, nesse momento ocorre uma reconfiguração não somente na nomenclatura mas também na proposta de ensino, essa modalidade é ofertada para sujeitos que por razões distintas não conseguiram estudar na idade considerada regular, articulando-a à formação/educação profissional. A EJA como modalidade de ensino foi regulamentada pela Lei de diretrizes e Bases da Educação (9394/96) (SILVEIRA; OLIVEIRA; FEITOSA, 2020). Nesse sentido Di Pierro retoma aos objetivos estabelecidos na Declaração de Hamburgo em 1997, onde repensam a concepção para a educação de jovens e adultos enfatizando a ampliação da formação desse sujeito. Para Oliveira, Almeida e Carvalho (2019, p. 287),

Inegavelmente, a EJA, ao longo de sua história, vem buscando conquistar seu espaço, mesmo diante da sua negação em um Estado Burguês, o qual trata de forma compensatória uma modalidade de ensino que vai muito além do simples alfabetizar, tendo em vista que ela tem o caráter de possibilitar reconstruções de sonhos e de projetos de vida.

Apoiamo-nos em Nunes; Carvalho e Mendes (2014), também compreendemos que na primeira década do século XXI, as ações no âmbito da EJA foram coordenadas por organizações não-governamentais (ONGs), movimentos sociais, associações, sindicatos, somente tornando-se uma modalidade de ensino com a LDB tendo com intuito atender jovens, adultos e idosos excluídos do ensino regular, além de garantir certificação, assume um caráter reparador pois a EJA tem o poder de (re)construir cidadania, oportunidade de uma vida melhor, e assim resgatar a autoestima dessas pessoas. Podemos inferir que a implantação da EJA no país foi um processo bastante extenso, de lutas e conquistas. Assim o desenvolvimento das políticas educacionais

---

<sup>5</sup> Ver: Angela Curcio Horiguti. Do mobral ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional integrada à Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009. Disponível em: <[http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051103752984angela\\_curcio\\_horiguti%E2%80%A6.pdf](http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051103752984angela_curcio_horiguti%E2%80%A6.pdf)>. Acesso em: 18 de out 2023.

voltadas para o ensino da EJA no Brasil e novas demandas foram surgindo, entre elas podemos mencionar a formação inicial e continuada dos professores, maiores investimentos financeiros e pedagógicos na modalidade de tal modo que o estado assegure os direitos de estudantes e professores para um ensino de qualidade.

## SUJEITOS DA PESQUISA E AS REALIDADES

Acreditamos que a Educação de Jovens e Adultos, para garantir a sua verdadeira identidade como uma modalidade que visa trabalhar os diversos conhecimentos entre aqueles que, por alguma razão, não tiveram oportunidades de concluir seus estudos no tempo certo, precisa, urgentemente, ser bem assistida pelo estado em seus diversos aspectos entre eles destacamos o financiamento e formação dos docentes. De modo que enfatizamos a problemática acerca da formação do profissional que trabalha com esta modalidade, que, por sua vez, tem passado por uma licenciatura, ou seja, é necessário e urgente que os cursos de formação de professores contribuam na formação efetiva desses profissionais, apresentando a importância de um currículo pautado em propostas que reconheça e valorize o universo desses jovens, adultos e idosos que almejam, mesmo que tardio a oportunidade e o direito ao conhecimento nas diversas áreas da ciência. Sobre esta questão, Ventura (2012, p. 74) ainda afirma:

[...] Raramente, as licenciaturas refletem sobre o seu fazer pedagógico contextualizado à escolarização de jovens adultos; a maioria dos professores reproduz os moldes da escolarização de crianças e adolescentes, materializados em ações que refletem a perspectiva supletiva do currículo escolar. Como consequência, ainda hoje, um dos principais desafios que os cursos de EJA enfrentam é a superação da lógica de aceleração e a construção de um projeto pedagógico específico.

Acreditamos que o campo acadêmico possa ser um espaço de resistência as indiferenças das políticas públicas frente a esta modalidade. Os cursos que almejam capacitar esses profissionais para atuar na EJA devem preparar de forma crítica e consciente esses futuros docentes para que sua prática se aproxime da verdadeira identidade dessa modalidade. Tal problemática já vem sendo discutida em artigos de cunho pedagógico, como por exemplo, o trabalho de Santos, Amorim, Conceição (2022, p.125) que abordam as seguintes questões:

[...] a estruturação de uma Política Pública de formação de professores da EJA, considerando à visibilidade da história política e pedagógica da formação docente. Pesquisar e buscar respostas para este problema se tornou importante, pois visa

levantar a discussão da formação dos professores da EJA, enquanto um direito e responsabilidade pública, e não um favor político partidário, mas sim, uma política pública assegurada na LDB 9394/96.

A partir dos questionamentos citados acima temos o intuito de abordarmos a fala de alguns docentes que trabalham na EJA objetivando conhecer e refletir a sua prática pedagógica para com esta modalidade. Para iniciarmos esta discussão começaremos apontando o espaço geográfico e histórico daqueles que fizeram parte da nossa pesquisa.

Como lócus de estudo dessa pesquisa situamos o Vale do Jaguaribe uma região socioeconômica no estado do Ceará, que compreende os 15 municípios (Russas, Jaguaruana, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Tabuleiro do Norte, Quixeré, Jaguaratama, Alto Santo, Pereiro, Iracema, Jaguaribara, São João do Jaguaribe, Ererê e Potiretama) um território marcado por conflitos políticos, agrários, socioambientais devido especialmente pelo avanço do hidronegócio na mesma proporção é um território marcado pela forte resistência de movimentos sociais, pesquisadores e entidades que lutam por direitos acesso especialmente a uma educação de qualidade. Destarte os sujeitos que nos possibilitam compreender a realidade objetiva a qual estamos nos debruçando são docentes esperançosos por uma educação transformadora. Desse modo os sujeitos que dão voz a este escrito trazem consigo toda a complexidade da política educacional e a realidade da EJA no estado do Ceará, pois “simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também desde conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível de sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento” (BRANDÃO, 2001, p. 35).

A pesquisa foi desenvolvida no período de 08 a 20 de junho de 2020, os docentes colaboradores dessa pesquisa desenvolvem suas atividades em escolas municipais (60%) e estaduais (40%) da região, sendo 20 entrevistados entre eles 12 identificados como do sexo feminino e 8 masculino, com idade variando entre 25 a 56 anos e tempo de atuação na modalidade variando entre 3 a 10 anos. Em relação a formação inicial 19 tem graduação com áreas diversas (Português, Matemática, Química, Pedagogia, História, Educação Física) com alguma especialização lato sensu e 1 stricto sensu e somente 1 docente não tem formação em nível superior tendo somente ensino médio incompleto. Nenhum deles tem qualquer tipo de especialização em Educação de Jovens e Adultos, ou cursou disciplinas durante a graduação sobre a temática;

O que nos chama a atenção é que embora esses profissionais atuam a algum tempo na modalidade não identificamos nenhum com formação específica para atuação na EJA, nesse sentido, questionamos se eles têm formação continuada ofertada pela CREDE ou pelas secretarias de educação dos municípios. Algumas respostas nos chamaram a atenção.

Infelizmente poucas e precárias. Poucas porque só uma ou duas no máximo. Precária porque não se apresenta novidades e discussões das melhorias e adaptações (J. A. S. D, 2021).

Sim. Porém há demora em oferecer. Que levam até 4 anos para oferecerem...eu acredito que era ser anual as formações (G. P. L, 2021).

Não ofertam. No ano de 2018, havia um calendário de formações continuadas planejado pela Secretaria de Educação, no entanto, essas formações nunca ocorreram. Em 2019 e agora em 2020, nem no calendário das formações vindas da Secretaria de Educação tem a indicação de formação continuada para os professores da EJA. Participamos apenas de reuniões burocráticas, sem momentos de estudo (S. V. S, 2021).

Tem sido mais raras as ofertas, porém estamos nestes meses realizando um curso muito interessante, pelo menos para mim, que é uma formação para professores de língua portuguesa com ênfase nas habilidades leitoras dos estudantes, de acordo com as Diretrizes do SPAECE (S. M.A R, 2021).

Sim. EAD. Anualmente (M.L. R. C, 2021).

Através das falas dos docentes podemos perceber que a formação continuada é bastante precária o que pode interferir na prática pedagógica deles. Nunes; Carvalho e Mendes (2014, p. 345) nos alerta para a formação docente na região,

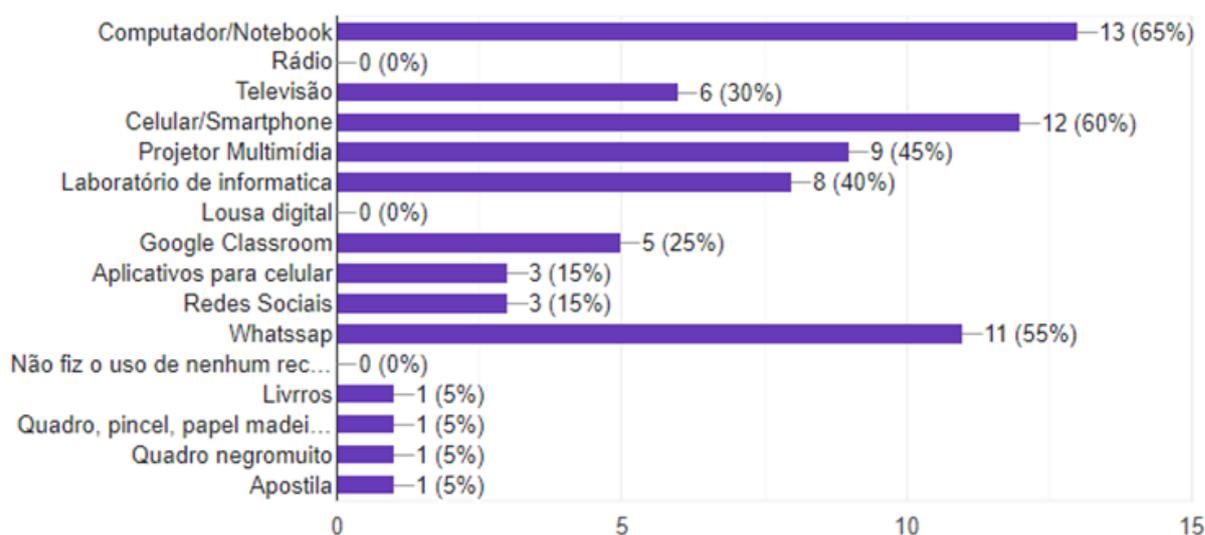
No Baixo Jaguaribe, foi possível observar que a formação do docente que atua na EJA pode ser considerada uma problemática a ser discutida, com dois aspectos a serem considerados. Primeiro a ausência de políticas educacionais que focalizem a formação para a atuação na área. Segundo a continuidade do processo de formação, que deveria acompanhar o desenvolvimento das ações cotidianas desses profissionais.

Tanto a pesquisa diagnóstica realizada por Nunes; Carvalho e Mendes (2000 a 2011) quanto pela experiência do projeto de extensão notamos que os profissionais dispõem de pouca formação continuada para o desenvolvimento de suas atividades, esperando apenas pelas formações mensais, semestrais ou até mesmo anuais oferecidas pelas secretarias de educação dos municípios ou CREDE, assim podemos inferir que os professores necessitam de formação continuada para se capacitarem para a Educação de Jovens e Adultos, visto que, é uma modalidade que tem suas particularidades' no que se diz respeito ao ensino regular. O preparo

para uma educação baseada na vivência e prática dos alunos da EJA, é algo que se discute por tempos, de modo que no processo de escolarização que os alunos precisam ter com respeito a sua idade, vocabulário, vivências, traz a necessidade de uma preparação por partes dos professores. Sendo assim a pouca oferta de formação continuada que considere “a experiência histórica, política, cultural e social de um público peculiar, e muitas vezes, desvinculada dos saberes pessoais e escolares, das vivências poderá contribuir para o conjunto de dificuldades enfrentadas pelos educadores e ainda provocar o desinteresse dos educandos” (NUNES; CARVALHO; MENDES, 2014, p. 7).

Com a intenção de buscar alternativas que ajude professor/as da EJA à desenvolver práticas pedagógicas voltado para uma educação emancipadora como Freire (1987) menciona, os resultados da pesquisa geram uma discussão à respeito do que esse/as professor/as enfrentam no cotidiano escolar rompendo a barreira entre às relações professor-aluno, aluno-professor, professor-escola, tirando a autonomia que o/a professor/a como profissional tem de desenvolver uma educação sem intervenção do estado, ferramenta para a indústria, e a “neutralização” da opinião, na qual o/a professor/a se torna alvo de ataques e interesses políticos. Diante deste elemento o/a professor/a acaba que depositando conteúdo e negando a liberdade do/a aluno/a de ser crítico, autônomo, e ter uma visão de mundo ampla. Sobre o uso de recursos pedagógicos interrogamos aos docentes quais são mais utilizados em sala de aula. Abaixo trazemos o gráfico que demonstra a variedade de recursos utilizados pelos entrevistados.

Gráfico 1- Recursos pedagógicos utilizados em sala de aula



FONTE: Pesquisa de Campo, 2020.

Identificamos através das respostas que o uso de notebook/computadores seguida do uso do próprio celular como recurso didático se tornou um hábito entre os docentes especialmente durante e após a pandemia da Covid-19 o que podemos associar com a busca por novas metodologias para chamar a atenção dos estudantes, porém nos preocupa a ausência desses recursos tecnológicos na maioria das instituições de ensino do país o que nos leva a afirmar que os profissionais não têm acesso aos recursos mínimos para elaborar uma diferenciada na EJA. Pois conforme afirma Branco *et al* (2020, p. 02),

Embora existam diversas ferramentas tecnológicas voltadas para a área pedagógica, há muito que se avançar dentro das instituições educacionais, para que o processo de ensino e aprendizagem se torne mais tecnológico, sobretudo nas escolas públicas. Alguns fatores como a não universalidade e a dificuldade de acesso de grande parte da sociedade aos recursos tecnológicos básicos, como a internet, são limitantes nesse processo. Somam-se a isso, as carências das instituições escolares, no que diz respeito aos recursos tecnológicos, como, também, a necessidade de uma formação inicial e capacitação dos educadores para que estejam mais preparados e imersos na cultura digital, de forma a utilizar as novas tecnologias nas práticas pedagógicas.

Sobre o uso dos recursos identificados que o livro didático possui maior disponibilidade, porém os docentes alertam para a qualidade desse material.

Primeiramente a defasagem do material, que está desatualizado há anos, o que também acarreta a insuficiência de materiais para os alunos, o que por muitas vezes dificulta o trabalho docente, pois os alunos se sentem presos a um material físico, para realizar as atividades e acompanhar as aulas (J. A. C. G, 2021).

Fora da realidade e nível educacional dos alunos (J. A. C. D, 2021).

Uso mais recursos midiáticos, pois os livros didáticos que tem na escola são poucos e muito empobrecidos, não atende a dinâmica prática de alunos de EJA (G. P.L, 2021).

Os livros didáticos destinados aos alunos da EJA são tão restritos de conteúdos quanto os livros das turmas regulares, pois trazem textos e atividades, na maioria das vezes, fora do contexto dos alunos adultos. Mesmo que estes estejam em processo de aquisição da leitura e da escrita, torna-se necessário que os textos que dão suporte para esse processo sejam mais próximos de sua realidade, que tratem das suas vivências (adultas), que falem do mundo do trabalho e que apresentem temáticas sociais para que além de aprenderem a ler as palavras escritas, possam ler o mundo a sua volta, visto que "a leitura de mundo", como diz Paulo Freire, é imprescindível, sobretudo para os dias atuais. Geralmente, como o livro não apresenta textos e atividades de natureza social, preciso fazer outras pesquisas para melhor conduzir minhas aulas. Para ilustrar o depoimento anterior, gostaria de relatar que outro dia, realizando algumas pesquisas, tive acesso a um livro das séries iniciais e percebi que este continha os mesmos textos e atividades do livro que utilizava na EJA. A diferença era que os textos do livro das séries iniciais eram completos, enquanto os textos do livro da EJA eram apenas fragmentos. Vemos aí o desrespeito com os alunos da EJA (S. V. S, 2021).

Através dos depoimentos compreendemos o cotidiano da EJA e suas implicações durante a construção do conhecimento, ou seja, é perceptível a falta de um amparo maior das políticas públicas com relação ao percurso formativo dos docentes e os recursos didáticos que devem ser trabalhados nesta modalidade.

A respeito da diversidade de recursos pedagógicos identificamos que as escolas dispõem de pouco ou nenhum recurso tecnológico que possa auxiliar durante as aulas como por exemplo: Datashow, TV, sala multimídia, laboratório equipados e disponibilizados para os discentes da EJA, xerox dentre outros. Ainda identificamos que a formação inicial dos professores das turmas de EJA também desperta preocupações, alguns dos profissionais tem formação inicial e continuada incompatível com a modalidade. Com relação ao percurso formativo, observamos que embora a atual LDB (9.394/96) discorra sobre a importância da formação desse profissional para atuar nesta modalidade, ainda assim deixa a desejar é insuficiente, ou seja, existe a defesa legal dessa formação, porém na prática é uma outra realidade.

Partindo dos inúmeros desafios identificados através do projeto de extensão e buscando proposições para a modalidade, questionamos aos docentes como é possível o educador (a) da EJA trabalhar a partir da valorização da história de vida desses sujeitos dentro da sala de aula? Segundo os entrevistados,

A disciplina que leciono permite uma prática mais dialogada, o que facilita muito o aproveitamento dos conhecimentos prévios, e muitas aulas são iniciadas já com este diálogo, buscando uma relação entre o que os alunos já conhecem sobre o assunto e o que será novo para eles, pois esta prática tanto facilita nosso trabalho, quanto deixa os alunos mais à vontade para participarem e construir junto ao educador, um conhecimento novo, que antes era prático e agora torna-se também teórico e embasado, ou até mesmo desconstruir concepções de senso comum (J. A. C. G, 2020).

Na minha prática pedagógica, sempre busco conversar com os alunos, principalmente no início do ano, para conhecer sua história de vida. Nesse sentido, através de conversas coletivas e individuais, faço levantamentos sobre onde moram, com quem, se trabalham e onde, se têm família, o que pensam sobre o estudo, e converso também sobre temas como política, religião... com o objetivo de conhecê-los melhor e usar essas informações em minhas aulas, a partir da escolha de textos para embasar atividades que suscitam a fala dos alunos. No processo de ensino e aprendizagem com adultos, suas vivências precisam ser o centro, para que eles possam participar de modo mais ativo das atividades (S. V. S, 2020).

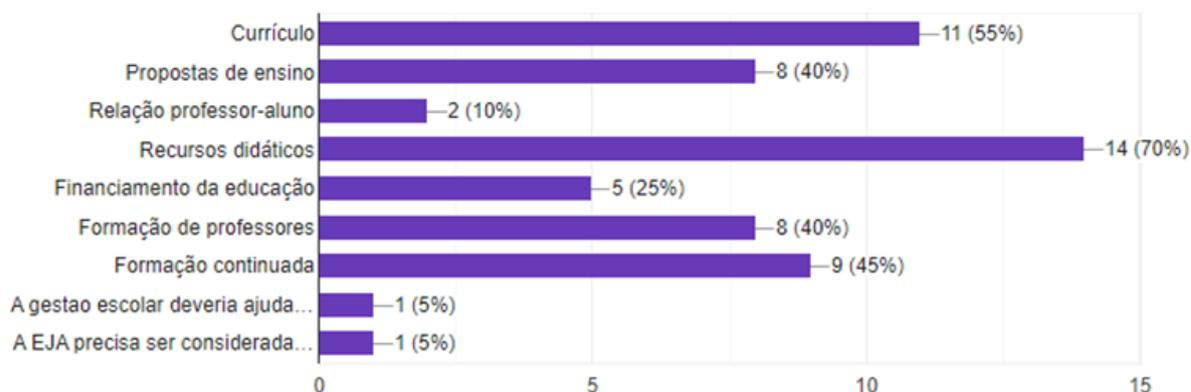
O homem é um ser histórico e social. A partir dessa ideia o educador precisa considerar toda a bagagem cultural trazida pelos educandos e trabalhar com base na realidade e necessidade da turma. Na minha opinião é preciso conhecer para desenvolver uma aprendizagem significativa (E. C. M. A, 2020).

Observamos nas falas desses educadores sobre a sua preocupação de trabalhar seus conteúdos a partir da realidade dos seus alunos. Para se produzir um conhecimento com os alunos da EJA é preciso antes de tudo levar em consideração o seu contexto histórico e socioeconômico, pois “eles apresentam em comum nas suas histórias de vida o fato de que estão hoje cursando a EJA porque as condições socioeconômicas nas quais se encontravam na infância e na adolescência os impediram de estudar” (VENTURA, 2012, p. 76).

As falas dos sujeitos nos coloca entre duas ideias- a primeira diz respeito sobre como o estado enxerga a modalidade EJA materializada na precarização seja na ausência de formação inicial e continuada para os docentes, seja na falta de investimentos em recursos adequados às demandas, seja no esvaziamento da propostas de ensino e a segunda diz respeito sobre o processo de luta e resistência dos sujeitos da EJA entre eles destacamos os próprios alunos e os professores que em sua maioria se doam para fazer essa modalidade executável mesmo o estado dizendo a todo custo que essa educação não é prioridade em sua agenda de governo. No Ceará a EJA enquanto modalidade de ensino também foi constituindo-se como resistência pois sabemos que embora venha aumentando os investimentos na Educação Básica nos últimos anos notamos que a modalidade vem perdendo espaço dentro das instituições devido a reforma do ensino que prioriza a formação da juventude para o mercado de trabalho, não caracterizando-se como demanda urgente a reparação educacional de sujeitos ausentes do ensino regular e de acordo com o jornal o povo (2021) o número de matrículas na EJA caiu 39% nos três últimos anos em consequência especialmente da pandemia. Ainda mencionamos a tentativa do estado do Ceará de tornar a modalidade em educação a distância, já sendo uma realidade em municípios como Limoeiro do Norte e Russas, as turmas de ensino médio que até então faziam parte das turmas presenciais agora acontecem de modo virtual.

Além da diminuição no número de matrículas nas redes públicas a partir da pesquisa realizada pelo projeto de extensão pudemos diagnosticar diversos desafios no cotidiano da modalidade, entre eles destacamos: os docentes muitas vezes não dispõe de recursos didáticos variados utilizando-se apenas do livro didático, implicando muitas vezes no sucesso das aulas, tendo em vista que a maioria dos estudantes são também trabalhadores e muitas vezes devido a correria do dia a dia esquecem de levar o livro didático para escola, além desse material ser descontextualizado as demandas educacionais da EJA. Sobre esses desafios questionamos aos docentes quais mudanças a EJA necessita atualmente, de acordo com os colaboradores muitos são as necessidades porem eles pontuam algumas demonstradas no gráfico abaixo.

Gráfico 2- Mudanças necessárias na EJA na atualidade



FONTE: Pesquisa de Campo, 2020.

Observamos no gráfico que uma das maiores necessidade de mudança é com relação aos recursos didáticos, seguido do livro didático e formação continuada. Realidade que comprova o relaxamento das políticas públicas diante dessa modalidade e que chega a ser um descaso no ensino-aprendizagem desses educandos. Isso prova que “esta modalidade de ensino vem sendo vista sem importância para o governo federal, e em estados e municípios com os quais há um alinhamento com o governo federal” (SANTOS, AMORIM; CONCEIÇÃO, 2022, p. 124).

Partindo das mudanças propostas pelos docentes indagamos sobre os principais desafios enfrentados na sua prática pedagógica e docente. As falas dos professores refletem sobre a história da modalidade e os desafios históricos enfrentados pelos sujeitos.

Falta de recursos didáticos...Livro atual à realidade da EJA; apoio e sugestões de atividades por parte da gestão escolar; demora excessiva para acontecer as formações (G. P. L, 2020).

Os maiores desafios são garantir que os alunos frequentem diariamente as aulas, cheguem no horário e que eles aprendam e percebam a importância do estudo em sua vida. Muitos alunos se evadem quando conseguem um emprego, pois em sua maioria, o emprego não exige que tenha algum nível de estudo. Em nosso município, as vagas de trabalho são provenientes das cerâmicas, que não exigem que os alunos saibam ler, escrever... minimamente. Contraditoriamente, os alunos que pretendem trabalhar na fábrica Dakota, procuram a escola para concluir o ensino fundamental. Esses alunos já são mais assíduos (S. V. S, 2020).

Na minha opinião o maior desafio é romper com o pensamento padrão do sistema educacional. No qual todos devem adequar-se ao modelo educativo "vigente". Com seus currículos prontos, avaliações e projetos predeterminados (E. C. M. A, 2020).

Ambiente adequado, falta de recursos didáticos, falta de interesse dos gestores, Recursos multimídia para auxiliar a aula (F. J. A. F, 2020).

São muitos, entre eles, animar aqueles alunos que, de tanto serem excluídos, desistiram e, fazê-los acreditar que podem, mesmo quando lá fora eles só escutem que não (S. M. A. C, 2020).

O pessimismo dos alunos. O livro didático está caduco, a edição venceu em 2016. O governo precisa olhar com mais atenção para essa modalidade. O professor da EJA precisa se virar pedagogicamente por conta desse descuido. E na prática docente é necessário fazer a diferença e retirar a ideia de que a EJA é diferente dos níveis, ou seja, os discentes da EJA podem sim serem capacitados tão quanto aos alunos do 1, 2 e 3 anos (P. S. L. S, 2020).

Observamos nas falas dos docentes uma gama de desafios que são: a desmotivação dos estudantes e dos profissionais, o livro didático que já não atende as expectativas e o trabalho precarizado do docente. As falas retratam o descaso do estado com essa modalidade de ensino, pois a deixam a própria sorte não tendo o mesmo investimento observado nas demais modalidades de ensino, refletindo no sucesso ou fracasso de toda uma comunidade que historicamente vem sendo excluída do ensino público. Há de se concordar com esses grandes empecilhos, pois vivemos em uma sociedade que ainda é classificatória e convivemos também com o sistema capitalista que acaba nos tornando reféns de um trabalho do tipo alienado. Acreditamos que os educandos da EJA precisam de aulas que se aproximem mais da sua identidade como já ressaltamos neste texto. Assim, necessário ainda dialogar entre eles as suas histórias de vida, pois:

Basicamente, a EJA tem sido uma educação limitada a suprir um déficit escolar acentuado de uma massa de mulheres, homens, negros etc. que sobrevivem do seu próprio trabalho; portanto, é a classe trabalhadora, com as suas mais diversas identidades, o grande público da EJA (VENTURA, 2012, p.78).

Não podemos desenvolver a produção do conhecimento na EJA de forma infantilizada e nem como é trabalhado nos níveis (Fundamental II e Médio), ou seja, precisamos desenvolver outros métodos de estudos. Porém, é necessário que haja recursos para que possa valer na prática essas propostas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste projeto de extensão foi identificar desafios que professores/as da EJA encontram no decorrer do período letivo, uma vez que a educação está voltada para

formar mão de obra barata como consequência do sistema capitalista, e que o/as professor/as não se sentem valorizado/as e respeitado/as pela/os governanta/es, porém, também buscou ressaltar a importância da educação para jovens, adultos e idosos que decidiram retornar ao processo de ensino-aprendizagem, e a relevância da educação para a vida deles. O trabalho mostrou que a modalidade da EJA precisa de um maior amparo no âmbito da formação continuada, metodologias, acessibilidade e a valorização do trabalho dos professores. Foi observado que os educadores usam métodos freireanos em seus planos pedagógicos mesmo sem ter formação específica, valendo ressaltar o quanto o educador Paulo Freire contribuiu para a educação de jovens e adultos, respeitando, valorizando os costumes e a vivência de cada educanda/o.

A pandemia da COVID-19 mostrou fortemente as desigualdades sociais existentes, pois algumas pessoas precisaram trabalhar arriscando-se ao vírus, e a educação de forma remota excluiu muitos alunos/as do acesso à internet e aparelhos tecnológicos, dificultando o aprendizado dos mesmos, observou-se ainda através do questionário aplicado que o ensino remoto não foi eficaz, e o/as professor/as relataram vários problemas de concentração, acesso. Vale ressaltar que os professores foram se reinventando e oferecendo as melhores possibilidades para seus alunos/as, e que a saúde emocional e física dessas pessoas seria o mais importante.

A inclusão de aluno/a como pessoa com deficiência ainda é falha, pois ele/as precisa vencer todos os dias as barreiras arquitetônicas como: presença de escadas e falta de rampas, banheiros não adaptados, transporte público inadequado, buracos nas vias públicas, comunicacionais como a falta de intérpretes para pessoas com deficiência auditiva, e atitudinais, ou seja, o preconceito e capacitismo sobre o ensino da EJA e das pessoas com necessidades especiais ainda é uma grande falha.

É perceptível nas respostas dos professores que uma formação continuada mais ampla e sequenciada é um desejo contínuo, visto que ainda sentem essa carência, muitos professores relatam que a universidade poderia elaborar planos/discussões que ajudem os professores a trabalhar com o público de jovens e adultos com mais dinâmica, onde o vínculo universidade-escola não beneficiaria somente professores, mas sim alunos e todo o corpo escolar.

Como podemos observar a EJA tem uma longa trajetória histórica até se tornar uma modalidade de ensino. Essa trajetória foi atravessada principalmente em cenários políticos com determinadas ideologias, mas também marcada por contribuições de cunho cultural e educativa

e que a título de exemplo, podemos destacar a figura do nosso patrono da educação, que é Paulo Freire. E, atualmente percebemos que “os passageiros da noite” (termo empregado por Miguel G. Arroyo na sua obra que se refere a EJA) correm o risco de perder o seu espaço de estudo que foi marcado por muitas lutas e conquistas. Essa perda da qual nos referimos está ligada no fechamento do turno noturno por conta da adesão de alguns estados a escolas de tempo integral, que prioriza especificamente a formação da juventude para atuação no mercado de trabalho. Além disso no período pandêmico e pós pandêmico de acordo com o Fórum- EJA identificou-se o fechamento de muitas turmas da EJA em todo país. Diante desse risco, é mais um desafio para a EJA a se pensar nas próximas anos que se aproximam.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Paulo Guerreiro. **Movimento brasileiro de alfabetização - MOBRAL: memórias e práticas pedagógicas no município de São João do Jaguaribe/CE (1972-1979).** Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) - Mestrado acadêmico intercampi em educação e ensino da Universidade Estadual do Ceará- UECE, Limoeiro do Norte, 2017. 137p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A questão política da educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRANCO, Alessandra Batista de Godoi et al. Recursos tecnológicos e os desafios da educação em tempos de pandemia. **Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1736>. Acesso em: 27 ago. 2023. DI PIERRO, M. C. Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil. *Alfabetização & cidadania*, São Paulo, v. 17, p.11-23, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei 9394/96: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Câmara de Educação Básica. Resolução N°. 1/2000**, de 3 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NUNES, Mônica Emanuela Maia; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; MENDES, José Ernandi. **A educação de jovens e adultos (EJA) no Vale do Jaguaribe: avanços e desafios à formação docente.** Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores. Fortaleza: EdUECE, 2014.

OLIVEIRA, D. N. S.; ALMEIDA, J. P. G.; CARVALHO, S. M. G. **Para além do ensino regular**: reflexões sobre o estágio na educação de jovens e adultos. In: MEDEIROS, J. L. de; NOVAES, M. A. B. (Org.). Desafios à formação docente diante da problemática da escola contemporânea. 1.ed. João Pessoa: Ideia, 2019, v. 1, p. 171-180.

OLIVEIRA, D. N. S.; COSTA, A. C. L.; HOLANDA, E. M. M. da S. de. **Estágio em educação de jovens e adultos (EJA): reflexões e aprendizados de professores/as em formação**. In: GOMES, Izandra Falcão; MEDEIROS, Jarles Lopes de; NOVAES, Marcos Adriano Barbosa de (Org.). Políticas educacionais: debates sobre formação docente, currículo e didática. Fortaleza: Eduece. 2021. v 1. p. 118-135.

MINAYO, M.C.S. (1993). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes.

SANTOS, Aristela Evangelista; CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva; AMORIM, Antonio. A Formação Docente na EJA. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 5, n. 09, p. 123-134, 2022.

SILVEIRA, Emanuelle Alves da; OLIVEIRA, Diana Nara da Silva; FEITOSA, Adriana Madja dos Santos. **Educação de jovens e adultos a partir de marcos legais e operacionais: limites e possibilidades**. IN: Educação brasileira: perspectivas e experiências da pesquisa. (Orgs) Luís Távora Furtado Ribeiro, Diana Nara da Silva Oliveira, Marília Duarte Guimarães, Allan Pires Rodrigues. Curitiba: CRV, 2020.

VENTURA, Jaqueline. A EJA e os desafios da formação docente nas licenciaturas. **Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade**, v. 21, n. 37, p. 71-82, 2012.